

RELÍQUIAS E OS RELICÁRIOS NA BAHIA

Resumo

O culto às relíquias de Santos Mártires data do início da era cristã. As relíquias foram combatidas pelo movimento reformista protestante do século XVI. Em contraposição a isso a Contrarreforma enfatizou o seu uso, que foi mantido pelo Concílio de Trento e, em termos de Brasil, pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. Os fiéis, antes de tudo, precisavam continuar a veneração de relíquias e o legítimo uso das imagens. O Brasil fazia parte do mundo católico reformado, portanto, possuidor desses relicários. Havia um verdadeiro culto institucionalizado às santas relíquias que se multiplicaram sob diversas formas. A Bahia ainda tem alguns exemplares dessas relíquias em alguns monumentos religiosos. Além de apontá-las, pretende-se falar sobre sua função na vida do católico dos séculos XVII e XVIII.

Palavras-chave: relíquias, relicários, Contrarreforma, relicários da Bahia.

Introdução

Desde o período das catacumbas, as relíquias dos Santos Mártires tiveram um lugar privilegiado na devoção cristã. Desde o século III, tinha-se intensificado o seu uso, sob Deocleciano, quando se começou a processar a divisão dos corpos dos Santos. Entretanto, a partir do século VI, o abuso aparecia tão abertamente, e aumentou tanto, que produziu toda espécie de maus efeitos. As fraudes, piedosas ou ímpias, se multiplicaram nos séculos seguintes (ENCYCLOPÉDIE, 1765, p. 89). Mesmo assim, e para remediar a situação, o Concílio de Nicéia, de 787, dizia que Deus tinha deixado as relíquias dos Santos como fontes saudáveis (BLUTEAU, 1712, p. 223; VIEIRA, 1874, p. 182).

Na Idade Média, os relicários, em forma de cofre de madeira, recobriram-se de metal, placas ou cintas. Cada vez mais, invólucros riquíssimos foram criados para guardar as relíquias.

Maria Helena Ochi Flexor

Universidade Católica de Salvador
(UCSal),
Professora Emérita da Universidade
Federal da Bahia (UFBA).
mhelena.ucasal@gmail.com

Relíquia vem do latim *reliquiae*. Plínio e Suetônio chamavam *Reliquiae* aos ossos, cinzas e outros pertences dos defuntos que ficaram para a posteridade (BLUTEAU, 1712, p. 224). Os pagãos deram a designação de relíquia a todo o corpo de um defunto. Os cristãos deram-no, não só ao corpo inteiro de algum mártir, mas a todos e quaisquer despojos que os santos, ou Cristo, deixaram, como cinzas, ossos, vestidos ou qualquer partícula que tocaram seus corpos ou foram instrumentos de seus suplícios e que se passou a guardar respeitosamente para honrar sua memória. Com o tempo se estendeu o culto para as flores que haviam ornado os seus altares e sepulturas. Santo Agostinho, no seu *Cidade de Deus*, dizia que as "relíquias dos Santos, e as flores, tomadas dos seus altares, e sepulturas, obravam notáveis maravilhas" (BLUTEAU, 1712, p. 223).

As relíquias foram combatidas pelo movimento reformista protestante do século XVI. O Concílio de Trento, frente a Lutero e Zuinglio, que haviam zombado das indulgências e das peregrinações, frente a Calvino, que havia ironizado as relíquias, manteve todas as formas tradicionais de piedade e confirmou, também, o culto às imagens e manutenção das relíquias (DELUMEAU, 1973). Em termos de Brasil foi enfatizado pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (CONSTITUIÇÕES, 1853, p. 9-10).

Os fiéis, antes de tudo, precisavam conhecer a intercessão dos Santos, sua invocação, veneração de relíquias e o legítimo uso das imagens (REYCEND, 1786, p. 347-349) especialmente os santos e corpos dos mártires. Os santos eram todos taumaturgos e intercessores junto a Cristo e o povo devia tocá-los – imagem ou relíquia –, a fim de receber o fluxo mágico (ARIÈS, 1973) que emitiam. Isso explica o valor dado às relíquias e a multiplicação dos relicários. Eram colocadas em "engastes, vasos, ou relicários, e guardadas"... decentemente, necessitando, antigas e novas, da aprovação do Bispo. A relíquia do *Agnus Dei* guardava-se, conforme as determinações do papa Gregório XIII, com "cor natural sem nenhum genero de ouro, pintura ou iluminação" (CONSTITUIÇÕES, 1853, p. 9-10)¹.

As relíquias tornaram-se tão imprescindíveis que, nos meados do século XVIII, se exigia que não se fundasse nenhuma igreja que não tivesse as relíquias do santo protetor (ENCYCLOPÉDIE, 1765, p. 89). Esse hábito foi adquirido a partir das catacumbas e, nos anos 386, o imperador Teodósio, o Grande, foi obrigado a proibir o

transporte, de um lugar para outro, dos corpos desenterrados, de separar as relíquias de cada mártir e de as traficar. Quinze anos depois, o V Concílio de Cartago ordenou aos Bispos que desmanchassem os altares que se levantaram por toda parte, no campo e nas grandes estradas, em honra aos mártires, onde se enterraram, aqui ou ali, falsas relíquias. Com o tempo, no entanto, os Bispos passaram a compactuar com essas atitudes. E Vieira (1874, p. 182) confirmava isso. "O interesse de dar-lhes oferendas foi uma nova tentação difícil de vencer". Conduzir as santas relíquias em charolas, e andores, e também as imagens dos santos, para ajuntar dinheiro, com que se edificassem de novo, ou reparassem as casas de Deus, ou se alliviasse a extremoza pobreza dos seus ministros, foi cousa que viram sem grande escândalo os séculos passados" (VIEIRA, 1874, p. 80-90, 183).

Além disso, os Reis começaram a usá-las à frente de suas tropas, guardavam um grande número delas em seus palácios ou as enviavam, dos palácios para as províncias, quando fosse preciso prestar juramento de fidelidade ao Rei ou concluir algum tratado (VIEIRA, 1874, p. 90). Cidades e províncias se julgavam bem defendidas e seguras contra os inimigos só pelo fato de terem as relíquias de alguns santos, nos princípios do século XVIII.

Por não ser permitido vendê-las, as relíquias eram doadas pelos Bispos, ou Papa, acompanhadas de documento que, além de ser certificado de veracidade, também documentava a doação (ENCYCLOPÉDIE, 1765, p. 89-91; CONSTITUIÇÕES, 1853, p. 9-10). Obedecia-se aos ditames do Concílio Tridentino (REYCEND, 1786), adaptados às Constituições, que rezavam que as relíquias novas, que não fossem aprovadas pelos Bispos não deviam passar por verdadeiras. E as relíquias antigas, que tivessem documento comprobatório, provando serem de santos canonizados, deveriam ser veneradas como tinham sido até então e reapresentadas ao Bispo para averiguação.

Nem essas disposições, nem a certificação, mesmo do Papa, garantiam a autenticidade das relíquias. Consta que a relíquia, existente numa caixa aos pés do Cristo do coro da Igreja do Convento de São Francisco, um crânio, chamado no setecentos de calvária, foi doada ao frei Vicente das Chagas pelo Papa Inocêncio XII. Não sabendo de que mártir se tratava, convencionou-se, por sugestão do próprio Papa, chamá-lo de São Fidelis Mártir, tendo direito a ter seu dia de festa e receber o culto popular. Esse Cristo, ainda tem, ao seu redor, desde as suas origens,

dez pequenos nichos, onde se encontram relíquias de vários santos, também não identificados.

A enciclopédia do século XVIII (ENCYCLOPÉDIE, 1765, p. 89), dizia que “se fizermos a revisão das relíquias com exatidão um pouco mais rigorosa”, conforme um sábio beneditino, “se achara que se propôs à piedade dos fiéis um grande número de falsas relíquias a reverenciar, e que se consagrou ossos, que longe de serem benfazejos, não eram nem mesmo de um cristão”, como, por exemplo, indicou Gregório de Tours, “no manto de um santo se acham raízes, dentes de topeira, ossos de ratos e unhas de raposa”. Em todos os tempos se descobriu que muitas vilas ou cidades se vangloriavam de possuir uma mesma relíquia, ou a mesma imagem miraculosa. O autor das Novas da República das Letras, falando de um livro que tratava do Santo Sudário, trazia as palavras de Charles Patin: “estou zangado de ver muito freqüentemente o retrato da Virgem pintado por São Lucas; pois não é verossímel que São Lucas tenha tantas vezes pintado a mãe de nosso Senhor”... (ENCYCLOPÉDIE, 1765, p. 91)².

O Brasil fazia parte do mundo católico reformado, portanto, possuidor desses relicários. Existem, em especial na Bahia, relicários antropomorfos – bustos, membros superiores e inferiores –, os mais representativos artisticamente³. As santas relíquias se multiplicaram, também, sob a forma de pingentes de prata ou de ouro para uso pessoal.

Em relação às relíquias famosas, as próprias Constituições acabaram consagrando uma lenda de Santa Úrsula e as Onze Mil Virgens⁴, uma das poucas procissões que os Jesuítas⁵ podiam fazer na cidade no dia da Santíssima Trindade (CONSTITUIÇÕES, 1853, p. 192) e cujas relíquias encontravam-se nos bustos, no antigo Colégio dos Jesuítas e atual Catedral. Fernão Cardim notificou que, em 1584, existiam apenas três cabeças das virgens⁶. Foram levadas acabada a sua capela, em procissão dos estudantes, que iam debaixo do palio com as três cabeças das “Onze Mil Virgens” (CAMPOS, 1941, p. 347, 348). Também em Gregório de Matos, em 1685, apareceram referências a essa devoção (AMPOS, 1941, p. 351-352). Jaboatam (1858, v. 2, p. 642) as citou no século XVIII.

As relíquias das Virgens foram introduzidas na Igreja jesuítica, no século XVI, conforme certificado, de 1719, do Padre José Bernardino, Reitor do Colégio da Bahia, baseado no livro de assentos da Catedral, fl. 18. As “Sagradas cabeças das onse mil virgens”, foram mandadas pelo geral Francisco de Borja, vindas de Lisboa,

no galeão S. Lucas, em maio de 1575, tendo chegado a Bahia em 2 de junho, 5ª feira, festa de *Corpus Christi*. O Bispo D. Antonio Barreiros chegou no dia seguinte e as tomou como padroeiras do Brasil. O Bispo D. Constantino Barradas suspendeu algumas festas de Santos, incluindo a das Onze Mil Virgens. Os jesuítas recorreram àquela autoridade, mostrando que seu antecessor as tinha eleito padroeiras do Brasil, "por serem as primeyras Reliquias de Santos, que entrarão nesta Província", sendo confirmadas *in nomine Domini*. Em 1584, o Padre Alexandre de Gusmão, então Reitor do Colégio, mandou propor outro assento das decisões, confirmando o documento anterior e tudo foi reconfirmado pelo Papa (RIGHB, 1948-1949, p. 199-200).

Festejava-se Santa Úrsula a 21 de outubro e recorria-se, em Salvador, às Mártires sempre que um flagelo atingia a Cidade, como seca (LEITE, 1945, v. 5, p. 12) pestes, invasões, etc. Saíam, então, uma ou mais cabeças, pelas ruas em procissão, precedida de novena, sempre assistidas pelos estudantes formados em confraria.

Num altar lateral, do lado da epístola, da Catedral de Salvador são encontrados os dez bustos-relicários e mais Santa Úrsula, perfazendo as onze mártires. Estas datam de cerca de 1720, como o seu altar. Ainda, na Catedral, existem os altares dos Santos e das Santas Mártires⁷. São dois altares, provavelmente, vindos da terceira igreja jesuítica, construída entre 1561-1585, e que foram alteados para se adaptarem ao atual monumento. São 15 bustos-relicários em cada um dos altares, de terracota ou madeira, que ilustram a devoção às relíquias usadas, na Catedral, na propagação e consolidação do culto⁸.

A Catedral guarda, ainda, o busto de São Francisco Xavier, típico do século XVII e de influência espanhola, imagem com a alma, ou estrutura, de madeira. A cabeça, do mesmo material, é estofada e pintada, como se dizia na época, e o busto coberto por prata cinzelada com ornamentação de motivos fitomórfos, forma arabescos de folhas de acanto. As relíquias estão num escrínio ovóide, no centro do peito do santo.

Houve uma epidemia de febre amarela, conhecida como mal da bicha, ou mal comum, "um contágio, mortal pela corrupção do ar, não conhecido antes", segundo contou o padre Alexandre de Gusmão, em 1686. A cidade recorreu a S. Francisco Xavier, o Apóstolo das Índias, fazendo uma procissão. A Câmara, em nome

do povo e seu próprio, fez voto solene de o tomar como padroeiro da Cidade. "Nem por isso cessou o mal, antes cresceu e se espalhou e em poucos dias levou a muitos"⁹. Os Jesuítas deram assistência aos doentes, além da material e espiritual, sendo quatro deles atingidos pela epidemia. Em 1693 foi publicada uma adoração perpétua, confirmada por dois breves do Papa Inocêncio XII, concedendo-lhe altar "que é o do Santo Cristo na Igreja do Colégio" (LEITE, 1945, p. 91), com confirmação do governador, o Marques das Minas, e da Câmara em 19 de maio do mesmo ano. Estes fizeram petição ao Rei para que aprovasse "por protector e padroeiro da Cidade ao glorioso Appostolo do Oriente S. Francisco Xavier"¹⁰. A aprovação régia, da Sagrada Congregação dos Ritos e do Arcebispo, D. Fr. Manuel da Ressurreição, se deram entre 1687 e 1689. Sua festa foi fixada a 10 de maio, tendo a confraria dessa invocação sido criada, com capela na igreja Catedral, em 16 de setembro de 1744 (LEITE, 1945, p. 89-91)¹¹.

O Mosteiro de São Bento possui uma série de doze bustos-relicários em terracota, que Silva-Nigra atribuiu a Frei Agostinho da Piedade, inclusive afirmando que foram a "primeira realização plástica do artista beneditino". Por outro lado, afirmou que Frei Agostinho teria influência do Santuário das Relíquias do Mosteiro de Alcobaça (SILVA-NIGRA, 1947. fl. 1) e acabou por atribuir a ele todas as obras de terracota sobreviventes, incluindo os bustos relicários de Santa Catarina de Alexandria e Santa Bárbara, Santa Agueda, (JORDAN, 2000, p. 184). Além dessas, só foram identificados os bustos de Santa Cecília, Santa Escolástica, São Gregório Magno, Santo Anselmo, todos de terracota. Da mesma aparência é a Santa Mônica, existente no Solar dos Sete Candieiros, também do século XVII.

Entre os bustos-relicários do Mosteiro de São Bento, existe um outro de Santa Luzia (FIG.2) que, como grande parte da imaginária baiana da primeira metade do século XVII, sob influência espanhola, era feita de estrutura, ou alma, de madeira, recoberta de prata lavrada sobre o corpo e a cabeça encarnada e policromada. É do mesmo gênero do busto-relicário de São Francisco Xavier já referido. De estilo renascentista, tem a cabeça modelada e fundida em chumbo, encarnada e pintada. Este trabalho foi indevidamente atribuído a Frei Agostinho da Piedade, considerando que era exímio ceramista, mas não constar ter sido ourives ou pintor.

No mesmo Museu do Mosteiro de São Bento estão os chamados Braços de São Sebastião que, com o de São Bento e a Perna de Santo Amaro, formam conjunto de relíquias de estilo renascentista, em prata, associando o suporte à parte anatômica da qual contêm um fragmento, prática herdada, ao que se diz, da Idade Média. São em prata cinzelada e lavrada, cobrindo suporte de madeira com a mão estofada e pintada.

A Igreja franciscana primitiva possuía bustos-relicários colocados no altar mor. Desapareceram, como também desapareceram aquelas que constavam do primeiro altar do lado do Evangelho, de São Vicente Ferrer.

De autoria é desconhecida os bustos-relicários podem ser classificados, cronologicamente, através dos materiais com os quais foram feitos: no século XVI e primeira metade do seguinte houve o predomínio da terracota, com influências renascentistas permeadas de interpretações de caráter popular ou arcaizante. A partir dos fins do XVI e XVII até os princípios do setecentos apareceram os bustos-relicários com os corpos cobertos de prata de estilo renascentista. De prata também são os resplendores e jóias, eventualmente presentes. Os exemplares do século XVIII são de madeira, corpo e cabeça, e de estilo barroco.

Todos os relicários têm um escrínio oval, ou redondo, no peito dos bustos, nas pernas ou antebraços, conjugados com pedras semipreciosas incrustadas, como complemento decorativo.

A Contra-Reforma e a angústia da salvação, da própria alma e da alma alheia, fez surgir como uma de suas conseqüências, a divulgação, a defesa do catolicismo romano, ao ponto de se morrer como mártir em sua defesa, o que fez surgir uma nova galeria de Santos como os Mártires do Japão, ou do Marrocos, ou mesmo do Brasil, etc. e, em função disso, a multiplicação das relíquias. Muitos deles eram jesuítas e franciscanos¹².

Os jesuítas foram propagadores da devoção às relíquias. Conta Serafim Leite (1945, v. 5, p. 71) que o Padre Manuel Fernandes, escrevendo da Aldeia de São João, dizia que a invasão holandesa, de 1624, era para castigar os pecados pessoais e de todo o povo e que, com um temporal, o Colégio havia perdido milhares de cruzados. E enfatizava: "salvou-se toda a prata e as relíquias"... Dentre as relíquias roubadas pelos holandeses, segundo o padre,



Figura 1: Relicário de Santa Luzia do Mosteiro de São Bento, século XVII.

estava um rosário de São Francisco Xavier, venerado então em Colônia, resgatado por Maria de Médicis. Lenda.

As freiras do Bom Pastor, do Convento da Lapa, hoje em Brotas, possuem uma coleção, tanto de relicários, quanto da documentação pertinente, do tipo que não pode ser classificado como artístico, mas que mostra a grande proliferação desse tipo de objeto devocional. Além de um oratório, cujas portas estão repletas de relicários, na parte interna, uma série de pequenos estojos, a maior parte em cera de abelha ou madeira, guardam minúsculas relíquias de santos variados. Desse mesmo gênero são as inúmeras relíquias, incrustadas em mesas de muitos altares das igrejas soteropolitanas, em pequenos escrínios cobertos de vidro. A maioria foi removida, no século XIX, quando as antigas banquetas, que a comportava, foram substituídas pelas atuais mesas de altares. O altar do Consistório do Convento de São Francisco ainda guarda esse tipo de incrustações.

O Convento de Santa Clara do Desterro tem, na capela da clausura, um altar-relicário, com talha rasa, datado do século XVII, supostamente a primeira capela do Convento, de 1677 (FIG.1). Porém, o relicário que chama a atenção é o Cristo Crucificado, do altar mor do Convento do Desterro, com encarnação e pintura dramaticamente barrocas. É um dos raros relicários do Santo Lenho na Bahia

Um conjunto de palmas-relicário, quatro ao todo, em prata fundida, recortada, cinzelada e parcialmente dourada, pertencem a outro gênero de relicários. Era da antiga Sé de Salvador e foi transportado, junto com boa parte de seu patrimônio, para o Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia. Data de 1794 e tem a marca do ourives Joaquim Alberto da Conceição Matos. Montado em alma de madeira, que o sustenta, tem, no centro da base, num recorte, símbolos em ouro: a Arca da Aliança, o Cordeiro de Deus, a Fênix e o Coração Trespasado. As relíquias estão localizadas no recipiente oval, na parte superior, arrematados por florões vazados. Todo o conjunto é de estilo híbrido, com alguma sobrevivência rococó e prevalência de elementos decorativos neoclássicos.

E as relíquias, se não eram vendidas, eram transmitidas testamentalmente. No documento de Catarina Paraguaçu, repassando a capela e ermida de N. Senhora da Graça aos padres

beneditinos, situada na Vila Velha (bairro da Graça), doava, além de toda a prata ali existente, “um relicário para se meterem huas relíquias que ella doadora tem” (LIVRO, 1945, v. 1).

E, também, se teve as relíquias de personagens da cristandade brasileira que nem santificados foram. As “relíquias” do padre José de Anchieta foram trasladadas, em 1611, do Espírito Santo para o Colégio da Bahia, mandadas pelo padre geral Cláudio Aquaviva. Foram colocadas no altar ao lado do altar mor. Eram visitadas por toda a Cidade até ser promulgado o decreto de Urbano VIII, em 13 de março de 1625, e confirmado a 2 de outubro do mesmo ano, designando-as de *non cultu*, sendo tiradas da visitação pública. Uma parte delas foi para Roma. Seqüestrados os bens da Companhia, acompanharam os seus antigos bens uma caixa de jacarandá, com ferragens de prata, as relíquias do Padre Anchieta, que constavam de quatro ossos das canelas e duas túnicas, remetidas para a Metrópole, pelo capitão de mar e guerra, Antonio de Brito Freire, para que “Vossa Magestade o determine, mandando-me o que mais for do seu real agrado”... (MARQUES, 1913, p. 105; 1914, p. 5).

Perdida a devoção, ao longo do século XIX, as reformas da igreja foram eliminando as relíquias do seu corpo e da memória dos fiéis. Antes disso, imagens, quer pinturas ou esculturas, não podiam ser simplesmente abandonadas, doadas, retiradas dos edifícios religiosos. Todas as igrejas curadas deviam ter pias batismais com ralos e encanamento suficientes para escoar as imagens, relíquias, panos com os quais se limpavam os Santos Óleos reduzidos a cinzas.

Referências

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. (Col. Ciências Sociais).

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez e latino ... oferecido a El Rey de Portvgal*. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712. v. 7.

CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA, feitas, e ordenadas pelo Illmo e Revmo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, 5º Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Magestade: propostas e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito Senhor celebrou em 12 de Junho do anno de 1707. S. Paulo: Typog. 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853.

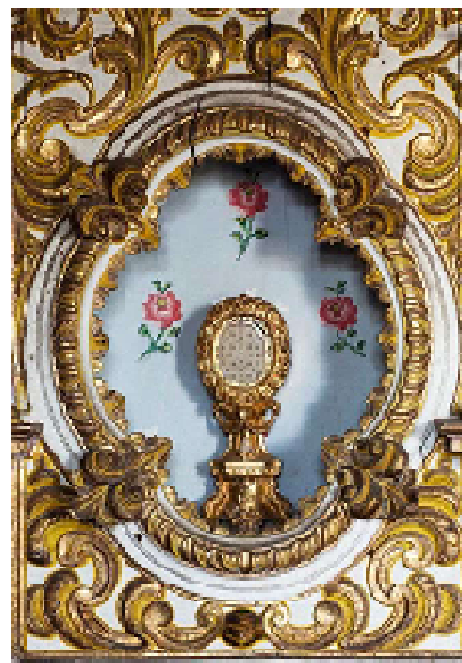


Figura 2: Relicário do altar da capela interna do Convento de Santa Clara do Desterro, século XVII.

CONSTITUIÇÕES SINODAIS DO ARCEBISPADO DE BRAGA organizadas pelo Illmo Arcebispo D. Sebastião de Matos e Noronha e mandadas imprimir a primeira vez pelo Illmo senhor D. João de Sousa, Arcebispo, & Senhor de Braga, Primaz das Espanhas, do Conselho de sua Magestade, & seu Sumilher de Costura, &cc. Lisboa: Na Officina de Migvel Deslandes, 1697.

DELUMEAU, Jean. *La reforma*. Barcelona: Labor, 1973.

ENCYCLOPÉDIE ou Dictionnaire raisonne des sciences, des arts et des métiers, par une societé de gens de letters mis en ordre et publie par... Neufchastel: Samuel Faulche, 1765. v. 14, p. 89-91.

FLEXOR, Maria Helena. *Oficiais mecânicos na cidade do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador / Departamento de Cultura, 1974.

JABOATAN, Antonio de Santa Maria. *Novo orbe seráfico brasilico ou chronica dos frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1858. 4v.

JORDAN, Kátia fraga (Org.). *Bahia: tesouros da fé*. Salvador: Coelba / Pedra de Toque Produções; Barcelona: Bustamante, 2000.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Lisboa: Portugalia, 1945. v. 5.

LIVRO DOS GUARDIÃES do Convento de São Francisco da Bahia, 1587-1862, prefácio e notas de Frei Venâncio Willeke, Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1978.

LIVRO VELHO DO TOMBO DA BAHIA. *Documentos históricos da Congregação Beneditina*. Bahia: Beneditina, 1945, v. 1.

MARQUES, Xavier. As relíquias do Padre Anchieta. In: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Bahia, v. 18, nºs 37, 38, 39, p. 101-102, 1913.

_____. As relíquias de Anchieta. In: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Bahia, v. 19, nº 40, p. 3-8, 1914.

REYCEND, João Baptista. *O Sacrosanto, e ecumenico Concilio de Trento em latim, e portuguez dedica e consagra aos excell., e Ver. Senhores Arcebispos e Bispos da Igreja Lusitana*, 2ed. Lisboa: Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1786. 2t.

RIGHB – REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA, Salvador, nº 75, p. 199-200, 1948-49. Certificado do Reitor do Colégio dos Jesuítas da Bahia, sobre as relíquias existentes no santuário do mesmo colégio. Transcrição do documento existente na Biblioteca da Ajuda – Lisboa, pasta 52-x-2- nº 76.

ROCHA, Joaquim Moreira da. Dirigismo na produção da imaginária religiosa nos séculos XVI-XVIII: as constituições sinodais. In: *Mvsev*, Porto, nº 5, série 4, p. 187-202, 1996.

RUY, Affonso. *Catedral Basílica*, 2ed. Salvador: Prefeitura do Salvador, 1964. (Col. Pequeno Guia das Igrejas da Bahia, 1)

SILVA-NIGRA, Clemente Maria da (D.). *Frei Agostinho da Piedade*. Rio de Janeiro, 1947. (datilog.).

TAVARES, Jorge Campos. *Dicionário dos santos; hagiológico, iconográfico, de atributos, de artes e profissões, de padroados, de compositores, de música religiosa*. 2ed. Porto: Lello, 1990, p. 142

VIEIRA, Domingos (Fr.). *Grande diccionario português; thesouro da língua portuguesa*. Porto: E. Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1874. v. 5, p. 182-183.

Notas

¹ A sessão XXV do Concílio de Trento estabeleceu as normas sobre as relíquias dos Santos, e imagens sagradas. Alguns tratadistas, especialmente os italianos, que influenciaram fortemente o mundo ibérico, adaptaram seus escritos sobre arquitetura, pintura e escultura aos ditames tridentinos (ROCHA, 1996). ⁷ Dois altares laterais do lado do Evangelho.

² A Catedral da Bahia possui uma pintura, sob o trono no altar mor, que guarda essa tradição de ter a Virgem sido pintada por São Lucas.

³ O Museu da Igreja do Bonfim, de Salvador, e da Ordem 3ª do Carmo, de Cachoeira, guardam esses tipos de relíquias, em miniatura e em prata.

⁴ A designação teria surgido da leitura errônea da inscrição do túmulo da Santa em Colônia: "Ursula et XI M.V" que deve ser lida como Ursula e Onze Mártires Virgens (RUY, 1964, p.10).

⁵ Os Jesuítas e seus estudantes levaram avante os festejos em outras regiões do Brasil. Jorge. Restaurados estão, temporariamente, sob a guarda do Museu de Arte Sacra, da UFBa.

⁹ Carta da Bahia, 8 julho. 1686, de Diogo Machado (LEITE, 1945, p. 89).

¹⁰ Em 1595 a Câmara de Salvador tinha eleito Santo Antônio de Arguim como protetor da cidade (JABOATAM, 1857, v. 1, p. 81).

⁶ Em 1903 duas das três cabeças haviam desaparecido e só existia uma, na capela interna, que foi destruída, dois anos depois, por grande incêndio (CAMPOS, 1941, p. 348).

⁷ Dois altares laterais do lado do Evangelho.

⁸ Seguiam o exemplo do santuário de Alcobaça, Portugal. Poucos desses santos foram identificados: Santa Inês, Santa Agueda, Santa Anta, Santo Eustáquio, Santo Estevão, São Sebastião, São Jorge. Restaurados estão, temporariamente, sob a guarda do Museu de Arte Sacra, da UFBA.

⁹ Carta da Bahia, 8 julho. 1686, de Diogo Machado (LEITE, 1945, p. 89).

¹⁰ Em 1595 a Câmara de Salvador tinha eleito Santo Antônio de Arguim como protetor da cidade (JABOATAM, 1857, v. 1, p. 81).

¹¹ Com a Independência, o culto foi sido extinto, como os demais, em 1828. Foi restabelecido, em 1860, pela mesma Confraria (FLEXOR, 1974, p.64).

¹² Como São Francisco Xavier, Santo Inácio de Loiola (culto iniciado em 1622), São Francisco de Assis, etc.